

A Descoberta dos Museus pelos Índios

(FREIRE, José R. Bessa. A descoberta do museu pelos índios. Terra das Águas - Revista semestral do Núcleo de Estudos Amazônicos da Universidade de Brasília, ano 1, n.1, sem.1999.)

AS EXPERIÊNCIAS INDÍGENAS

O museu Magüta

O Museu Magüta é um museu tribal, destinado a promover e preservar a cultura dos índios *Ticuna*, que vivem em quase 100 aldeias espalhadas por oito municípios do Estado do Amazonas, na região do Alto Solimões. Sua população está estimada em 28.000 índios no Brasil, 7.500 na Colômbia e 5.500 no Peru. Todos eles falam a língua *Ticuna* - uma língua isolada, isto é, não filiada a qualquer família lingüística - sendo que, no Brasil, 60% são bilingües e falam também o português.[1]

O Museu está situado em Benjamin Constant, uma pequena cidade de 15 mil habitantes, localizada na confluência dos rios Javari e Solimões, próximo à fronteira do Brasil com o Peru e a Colômbia. Foi instalado em uma casa de arquitetura simples, com varandas ao redor, cinco salas de exposição e uma pequena biblioteca, cercado por um jardim com flores, onde crescem também algumas espécies botânicas usadas na confecção e decoração de artefatos indígenas.

Suas coleções foram formadas, uma parte com o trabalho de artistas indígenas, especializados em diferentes artes: confecção de máscaras rituais, esculturas de madeira e de cocos de palmeira, pintura de painéis decorativos de entrecasca, fabricação de colares, cestos, redes e bolsas. Outra parte, com a recuperação de certos artefatos hoje já em processo de extinção ou em desuso, reconstituídos a partir de fotografias antigas pertencentes a museus etnográficos, entrevistas com anciãos e registros feitos desde 1929 pelo etnólogo Curt Nimuendajú. [2]

As atividades de organização do Museu iniciaram-se em 1988, num momento crítico em que os *Ticuna* estavam mobilizados na luta pela defesa de seu território, enfrentando-se até mesmo com grupos armados. Neste ano, no mês de março, pistoleiros emboscaram um grupo de índios no Igarapé do Capacete, matando 14 deles entre homens, mulheres e crianças e ferindo 23, com 10 desaparecidos, num massacre que teve ampla repercussão nacional e internacional. (OLIVEIRA FILHO e LIMA: 1988) [3]

Os conflitos não impediram que os trabalhos do museu prosseguissem. Durante três anos, de 1988 a 1991, os índios participaram ativamente na organização do acervo, colaborando na definição dos objetos, no levantamento dos dados sobre cada peça, na seleção daquelas destinadas à exposição e no desenho das ilustrações para sua contextualização, como testemunha Jussara Gomes Gruber que, como assessora, teve um papel decisivo na criação, planejamento e instalação do Magüta.

Segundo ela, a notícia da existência do Museu se espalhou rapidamente pelas aldeias, as mais distantes, de onde começaram a chegar objetos, alguns confeccionados fora dos padrões usuais daqueles destinados à venda, denominados de *experiências*, criados especialmente para o Magüta, como a escultura em madeira representando um índio pescador. O resultado foi que antes da montagem final, o acervo já dispunha de 420 peças, todas registradas e devidamente fichadas por Constantino Ramos Lopes Cupeatücü, índio *Ticuna*, que havia escapado do massacre do Capacete com um ferimento à bala e tornara-se responsável, depois do treinamento correspondente, pela guarda do acervo e sua dinamização.

Essa surpreendente mobilização tem várias explicações, que não se excluem. Uma delas parece estar relacionada à luta pela demarcação das terras. É que o direito dos *Ticuna* à terra dependia, em grande parte, de serem reconhecidos como índios pela sociedade brasileira, assumindo plenamente sua identidade étnica, muitas vezes escondida por eles próprios e negada sempre pela população regional, para quem os índios eram "caboclos". O Museu Magüta, "servindo como um renascimento da cultura *Ticuna*", vinha justamente fortalecer essa identidade (CUPEATÜCÜ: 1991, 257).

Mas os índios não foram os únicos a pressentir essa relação museu - terra. Desconfiaram dela políticos, madeireiros e latifundiários, que buscaram apoio popular local contra o Museu, com relativo sucesso. O próprio prefeito de Benjamin Constant convocou uma concorrida manifestação de rua, carregada de hostilidade, contra a demarcação das terras indígenas, em frente ao museu, na hora prevista para sua inauguração, obrigando o cancelamento da solenidade e seu adiamento. A exposição permanente só foi aberta ao público três semanas depois, em dezembro de 1991, graças à repercussão na imprensa, aos protestos de instituições como a Universidade do Amazonas e o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB) e à intervenção do Comando Militar da Amazônia.[4]

A exposição inaugurada mostrava, logo na entrada, um mapa com a localização das aldeias *Ticuna*, iconografiashistóricas de cronistas e viajantes e fotos de antigas malocas, que confirmavam a presença dos índios em áreas que os madeireiros agora reivindicavam. Depois, desenhos feitos pelos próprios índios, com textos de apoio, reproduziam o mito de criação, seguidos de dados sobre a língua, a organização social e fotos de objetos que hoje estão em desuso.

Os demais objetos, contemplando diferentes aspectos da cultura *Ticuna*, estavam expostos nas outras salas. Alguns deles representavam para os índios "a nostalgia, a idealização de um tempo passado e o desejo de conservar e perpetuar esse tempo". É o caso exemplificado pelo *Ticuna* Gilberto Lima, que depois de visitar a Exposição, escreveu: "Gostei mais da música de festa que estava tocando no Museu. Da música, porque minha mãe cantava para mim. E era muito bonita, realmente era" (Boletim do Museu Magüta, mai/out.1993, 8). Outras, expressavam "a vontade de mudança, a atualização da cultura, as adaptações a uma nova maneira de viver e reinterpretar o mundo". Etiquetas registravam em português

e em língua *Ticuna* o nome de cada peça e o nome de quem a fabricara (BOLETIM DO MUSEU MAGUTA: 1994, 3/9).

"Na montagem da exposição teve-se o cuidado de apresentar os objetos de maneira a não reforçar o estigma de atraso e "primitividade" que marca as populações indígenas de modo geral. Na ambientação das peças optou-se por recursos que podem ser vistos nos melhores museus do país. Assim, ao invés de se usarem palhas, esteiras e amarração de cipó, fabricaram-se painéis e cubos de madeira pintada e vitrine para proteger os objetos menores. A exposição apresenta um desenho leve, alegre, com recursos museográficos que visam produzir um impacto de natureza cognoscitiva e estética, de modo a valorizar a riqueza e a complexidade da cultura ticuna". (GRUBBER: 1994, 90)

Nos primeiros cinco anos, a exposição do Museu Magüta foi visitada por mais de seis mil pessoas, de acordo com o livro de registro de visitantes. Trata-se de um público bastante variado, composto por turistas estrangeiros de mais de 40 países, brasileiros de todos os recantos, população regional, pesquisadores, alunos e professores das escolas de Benjamin Constant e os próprios índios. Além disso, apoiou as atividades do curso de formação de professores indígenas da OGPTB - Organização Geral de Professores Ticuna Bilingües (FREIRE: 1995). Devido à inexistência de bibliotecas escolares ou municipal, a biblioteca do Magüta, com um acervo de quase 3.000 títulos, atendeu anualmente mais de mil alunos não indígenas das escolas da rede pública (FARIA:1996).

"O Museu é importante para os Ticuna porque aí tem muita coisa boa da gente. Os brancos vão ver e vão nos respeitar" (BOLETIM DO MUSEU:1993, 2/10). Essa era a avaliação do índio Alfredo Geraldo. Nascido sob o signo do conflito, o Museu Magüta, efetivamente, interferiu na imagem etnocêntrica que parte da população local tinha sobre os índios, contribuindo para pacificar e serenar os ânimos na região. Os madeireiros já não encontraram apoio da população local, quando em junho de 1995 ameaçaram incendiar o Museu, segundo denúncias feitas pela COIAB ao ministro da Cultura, Francisco Weffort. Em outubro de 1995, durante a exposição "Esculturas Ticuna" organizada em Manaus, foi possível fazer o seguinte balanço:

"O trabalho educativo do Museu - através de um programa de interação com as escolas da cidade, que tem por finalidade aproximar as novas gerações da cultura e da história dos Ticuna - vem cumprindo a importante função social de promover uma maior harmonia nas relações interétnicas na região, colaborando para que sejam desfeitas, gradativamente, as idéias preconceituosas e discriminatórias a respeito das populações indígenas" (GRUBER: 1995).

Devido à sua singularidade e importância, o Museu Magüta foi premiado pelo ICOM - o *International Council of Museums* - como "Museu Símbolo de 1995", o que repercutiu favoravelmente no Congresso Internacional desta entidade filiada à UNESCO, realizado em julho do mesmo ano em Stavanger, Noruega. No plano nacional, obteve o prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade, concedido pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, por sua contribuição na preservação da memória cultural brasileira.

No entanto, quando tudo parecia concorrer para a consolidação do Museu Magüta, suas atividades foram suspensas em meados de 1997, permanecendo com as portas fechadas até os dias atuais (fevereiro de 1998), no meio de uma grande crise interna ainda não superada, envolvendo o grupo de apoio e os próprios índios. Uma análise mais cuidadosa da crise poderá esclarecer o que aconteceu, efetivamente, com uma instituição que foi única no Brasil e que merece continuar existindo.

Uma museóloga, Maria Helena Cardoso de Oliveira e uma aluna concludente do Curso de Museologia, Alessandra Marques, estiveram na área e aplicaram cerca de 400 questionários para avaliar a relação do Museu Magüta com os índios, a população regional e os turistas. A redação final só deve estar concluída em junho de 1998. Mas uma informação aflorou imediatamente nos questionários, mostrando que a maioria da população não-indígena de Benjamin Constant sequer tinha visto antes um museu, acreditando alguns até hoje que a instituição é de origem *Ticuna* (MARQUES: 1998).

Não se pode prever o futuro do Magüta. Mas uma coisa é certa: ele possibilitou que índios e não-índios entrassem pela primeira vez em um museu. Mostrou às lideranças indígenas de todo o Brasil a força que pode ter um museu para reafirmar a identidade de uma etnia e para modificar a imagem que os brasileiros têm sobre os índios. E despertou em muitos grupos indígenas, que tomaram conhecimento de sua existência, a vontade de criar novos museus tribais, como é o caso dos *Guarani*, que vivem nas aldeias situadas em Angra dos Reis e Parati (RJ), e dos *Desana* da aldeia São João, no rio Tiquiê, alto rio Negro, (AM). (LANA & RIBEIRO: 1991). Suas atividades repercutiram, certamente, sobre duas outras experiências realizadas na mesma época a mais de 3.000 km. de distância, em São Paulo: A Embaixada dos Povos da Floresta e o Centro Cultural Indígena *Ambá Arandu*. (...)

Fonte: <http://paginas.terra.com.br/educacao/Ludimila/promu.htm>

Disponível em: <http://www.abremc.com.br/artigos2.asp?id=18> – 28.02.2012